



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

Departamento de Arqueologia e Antropologia

Licenciatura em Antropologia

Trabalho de Fim de Curso

O vestuário como expressão identitária entre um grupo de indivíduos na cidade de Maputo

A candidata

Rita da Conceição Tomás

Supervisor

Emídio Gune

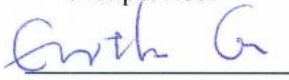
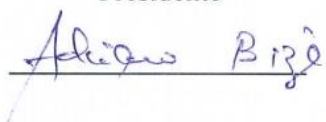
Maputo, Setembro de 2021

O Vestuário como Expressão Identitária entre um Grupo de Indivíduos na Cidade de Maputo

Relatório apresentado na modalidade do trabalho de culminação dos estudos em cumprimento
parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de licenciatura em Antropologia na
Universidade Eduardo Mondlane

A candidata

Rita da Conceição Tomás

O Supervisor	Presidente	Oponente
		

Maputo, Setembro de 2021

Declaração de honra

Declaro que este relatório de pesquisa é original e, que o mesmo é fruto da minha investigação pessoal, estando indicadas ao longo do trabalho e nas referências as fontes de informação por mim utilizadas para a sua elaboração. Declaro ainda que, o presente trabalho nunca foi apresentado anteriormente, na íntegra ou parcialmente, para a obtenção de qualquer grau académico.

Rita da Conceição Tomás

Maputo, Setembro de 2021

Dedicatória

Esta monografia é dedicada à minha família, especialmente ao meu filho, que é a minha fonte de inspiração para continuar com os estudos.

Agradecimentos

Em primeiro lugar quero agradecer a Deus, todo-poderoso, pela graça, dom da vida e pela bênção que tem proporcionado ao longo da minha vida e na da minha família no geral. O seu suporte foi fundamental para concluir com sucesso este curso e para continuar a sonhar alto.

Em segundo lugar, quero agradecer ao meu supervisor pelo apoio prestado para a elaboração da minha monografia, que foi fruto de trabalho árduo, acompanhado de um aprendizado especial para a minha vida profissional. O seu apoio e rigor no método foram fundamentais para a materialização deste trabalho. Quero, também, agradecer a todos os docentes do Departamento de Arqueologia e Antropologia, pelos ensinamentos que permitiram fortificar o meu intelecto.

Em terceiro lugar, os meus agradecimentos especiais vão para a minha família, que tem proporcionado um apoio especial para o alcance dos meus objectivos, principalmente no que diz respeito à formação académica. Muito obrigada pelo amor e carinho que me proporcionam, pois são vocês que fazem continuar a lutar e superar obstáculos da vida.

Os agradecimentos são extensivos aos meus amigos e colegas do curso de Antropologia pela companhia e pelo apoio prestado durante a formação.

Aos participantes deste estudo agradeço pela disponibilidade, paciência, acolhimento e contribuição que este trabalho se tornasse uma realidade. Agradeço a todos que, directa ou indirectamente, contribuíram para que este trabalho e momento se tornassem uma realidade.

Muito obrigada!

Resumo

O presente trabalho analisa o vestuário como expressão identitária no quotidiano de um grupo de indivíduos na cidade de Maputo. Dos estudos analisados sobre este assunto identifiquei duas perspectivas. Uma que defende que o vestuário é um elemento de manifestação estética bem como uma forma de distinção social e outra que explica que o vestuário é um elemento de reivindicação de poder e expressão de género. O referido estudos permitem compreender que aquilo que o vestuário expressa nos indivíduos pode variar de um contexto social para o outro, podendo ser usado para cobrir o corpo, expressar estética, distinção social ou reivindicação de poder. Entretanto, ficam por compreender outras dinâmicas associadas ao uso do vestuário.

Neste contexto, fiz um trabalho etnográfico entre alguns indivíduos na cidade de Maputo. A partir do referido trabalho compreendi que os participantes da pesquisa demonstravam e exibiam os seus trajes em cada evento festivo no qual participavam. Para os mesmos eles apresentavam-se com roupas idênticas, nas cores ou nas estampas, como forma de identificarem-se como um grupo com proximidade entre os seus integrantes e distinto das outras pessoas presentes nos eventos.

O facto de os participantes utilizarem o vestuário para identificar-se como um grupo distinto das outras pessoas, leva-me a compreender que eles usam o vestuário como um meio de reivindicação de diferença. A literatura analisada apresenta o vestuário como uma manifestação da identidade cultural de um grupo ou indivíduos que se identificam com um tipo de vestuário adequada para um determinado evento social.

Palavras-chave: Identidade, identidade de grupos e vestuário.

ÍNDICE

Declaração de honra.....	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos	iii
Resumo	iv
1. Introdução	1
1.1. Contextualização	2
1.2. Justificativa	3
2. Revisão da literatura.....	3
3. Enquadramento teórico e conceptual	10
3.1. Teoria construtivista	10
3.2. Conceptualização	11
3.2.1. Identidade.....	11
3.2.2. Identidade de grupos.....	12
3.2.3. Vestuário	13
4. Metodologia	14
4.1. Método	14
4.2. Técnicas de recolha de dados	15
4.3. Etapas da realização da pesquisa	16
4.4. Procedimentos de elaboração da pesquisa	17
5. Análise e discussão de resultados da pesquisa.....	19
5.1. Vestuário como expressão identitária de um grupo social.....	19
5.1.1. O vestuário manifesta coesão entre amigos	20
5.1.2. Negociação do vestuário, negociação de uma aparência comum.	22
5.1.3. Reivindicar o prestígio através do vestuário	25
6. Considerações finais.....	28
7. Referências	30

1. Introdução

O presente trabalho analisa o vestuário como expressão identitária no quotidiano de um grupo de indivíduos na cidade de Maputo. A ideia de estudar este tema surgiu por influência da minha experiência como estilista. Nesse percurso como estilista ouvia, frequentemente, as pessoas no meu “Atelier” a dizer que queriam roupas que as destacassem das outras que estariam presentes nos eventos nos quais usariam as roupas que encomendavam. Diante dessa frequência fiquei curiosa em perceber o interesse daquelas pessoas em destacar-se comparativamente as outras com recurso ao vestuário.

Da literatura analisada sobre o assunto compreendi que existem duas perspectivas. A primeira perspectiva defende que o vestuário é um elemento de manifestação estética bem como uma forma de distinção social (Quintela 2011; Wilson 1985; Rodrigues 2009; Braga 2007; De Campos 2012; Zumba 2019). Por seu turno a segunda perspectiva explica que o vestuário é um elemento de reivindicação de poder e expressão de género (Alves, 2014; Miller 2013; Wittmann, 2019; Hansen, s/d; De Campos 2012; Inguane, 2019).

Da literatura analisada compreendi que o vestuário expressa diversas coisas de acordo com o contexto social para cobrir o corpo, expressar estética, distinção social e reivindicação de poder. Contudo, ficam por compreender outras dinâmicas associadas ao uso do vestuário. Para compreender o papel do vestuário nesses contextos realizei um estudo etnográfico entre alguns grupos de indivíduos em alguns eventos festivos em bairros da cidade de Maputo.

No decorrer do estudo percebi, que os participantes da pesquisa demonstravam e exibiam seus trajes em cada evento festivo no qual participavam. Eles apresentavam-se com roupas idênticas, nas cores ou nas estampas, como forma de identificarem-se como um grupo com proximidade de entre os seus integrantes e distintos das outras pessoas presentes nos eventos. O facto de os participantes utilizarem o vestuário para identificar-se como um grupo distinto das outras pessoas, leva-me a compreender que eles usam o vestuário como um meio de reivindicação de diferença.

O presente trabalho encontra-se estruturado em seis partes. A primeira é referente à introdução na qual apresento, as principais perspectivas de discussão sobre o assunto em estudo e a justificativa da escolha do tema. Na segunda parte apresento a revisão da literatura e na terceira parte apresento o enquadramento teórico e conceptual que orientam o estudo. Na quarta parte apresento o procedimento metodológico adoptados, incluído método etapas da pesquisa bem como as técnicas utilizadas para recolher, tratar e analisar os dados. A quinta parte é reservada à discussão dos resultados e por fim, na sexta e última parte apresento as considerações finais.

1.1. Contextualização

A identidade surge, na actual concepção das ciências sociais, não como uma essência intemporal que se manifesta, mas como uma construção imaginária que se narra. A globalização diminui a importância dos acontecimentos fundadores e dos territórios que sustentavam a ilusão de identidades a-históricas e ensimesmadas. Os referentes de identidade se formam, agora, mais do que nas artes, na literatura e no folclore - que durante séculos produziram signos de distinção das nações, em relação com os repertórios textuais e iconográficos gerados pelos meios electrónicos de comunicação e com a globalização da vida urbana, (Canclini, 1995: 124).

Deste modo, cada um dos elementos das culturas Moçambicanas pode ser tomado como objecto de análise e de estudo, sobretudo nas universidades (conforme está sendo feito neste trabalho), e oferecer modelos assimiláveis para todo o território Moçambicano, aliás soube muito bem observar Magaia (2010: 187) ao dizer que Moçambique sendo um País como rico na sua diversidade e o reconhecimento e valorização dessa diversidade é um factor fundamental de coesão social, estabilidade e desenvolvimento e igualmente, de integração plena de Moçambique no conceito das nações. E ainda, a visão de Magaia (2010), recomenda que a diversidade cultural, étnica, racial, religiosa, de género e outras devem ser reconhecidas, respeitadas e valorizadas na política, na economia, na administração e assimiladas como património nacional.

Portanto, este trabalho é desenvolvido num contexto em que a indumentária identifica um grupo, comunidade ou sociedade. Pois a forma de vestir das pessoas permite a sua integração nos diversos meios de convivência, e nalgum momento, as pessoas vestem determinada indumentaria que as identifica com a ocasião. Este facto tem-se notado na cidade e província de Maputo, por exemplo, há eventos festivos alusivos a aniversários, casamentos, baptizados e funerais.

1.2. Justificativa

A presente pesquisa é importante na medida em que desperta o horizonte para compreender as questões sociais vivenciadas nos grupos dentro das comunidades. Com este tema foi possível perceber como é que as pessoas vestem a cada ocasião e quais são as reais motivações para o tipo de indumentária. Esta pesquisa é importante no campo académico porque melhora o acervo bibliográfico sobre a matéria e desperta curiosidade para outros pesquisadores se inspirarem.

No campo social, a pesquisa permite trazer os factos observados em um determinado grupo social, a manifestação de uma identidade cultural marcada pela indumentária. Por fim, o estudo é importante para a pesquisadora na medida em que, o mesmo ajuda a perfeição o conhecimento sobre o mundo da moda e aumentar as habilidades de compreensão desta matéria, por ser estilista de profissão.

2. Revisão da literatura

De acordo com as leituras que fiz, compreendi que os estudos sobre o vestuário como uma expressão identitária são explicados a partir de duas perspectivas. A primeira perspectiva defende que o vestuário é um elemento de manifestação estética bem como uma forma de distinção social (Braga, 2007; De Campos, 2012; Quintela, 2011; Rodrigues, 2009; Wilson, 1985; Zumba, 2019). Por seu turno a segunda perspectiva explica que o vestuário é um elemento de reivindicação de poder e expressão de género (Alves, 2014; De Campos, 2012; Hansen, s/d; Inguane, 2019; Miller, 2013; Wittmann, 2019).

Um dos autores que defende a primeira perspectiva é Quintela (2011) que afirma que desde antes da existência da linguagem escrita o vestuário sempre foi utilizado como forma de adorno. Recorrendo ao estudo das dinâmicas do vestuário desde primeiras sociedades até as modernas, Quintela (2011) refere que além de demonstrações de identidades, a indumentária também transmite posição social e é capaz de informar sobre períodos distintos.

Para este autor, no último século, a moda tem sofrido transformações mais rápidas e aperfeiçoadas, porém, nos séculos anteriores, uma determinada tendência perdurava por mais

tempo. Na idade média, por exemplo, o vestuário constituía um meio de diferenciação de classes sociais, pois nesta época, as pessoas de classes dominantes economicamente usavam túnicas com adornos, enquanto as de classes menos favorecidas vestiam-se com túnicas simples. No Renascimento as roupas foram tomando outras formas, onde as mulheres vestiam verdadeiras armaduras por baixo dos vestidos para formação de volumes e formas que eram capazes de demonstrar a que classe elas pertenciam (Quintela, 2011).

Ainda de acordo com Quintela (2011), na modernidade, diferentemente, por exemplo, da Idade Média, percebe-se que os códigos rígidos de vestuário e moda foram quase eliminados. Actualmente, refere o autor, com a democratização dos padrões de vestuário, qualquer um pode pagar por certas roupas, podendo vestir-se da forma que quiser, e expressar-se da forma que bem entender (idem). Para reforçar o seu argumento o autor faz referência a algumas tribos urbanas do Brasil como os *emos*, os *punks* e os *funkeiros*, entre os quais compreendeu que o vestuário é um dos principais elementos que constitui base para a formação da identidade dos indivíduos que participam dela (Quintela, 2011).

O estudo de Quintela permite-nos compreender a forma como vestuário, em diferentes sociedades e épocas, foi utilizado como elemento de manifestação de beleza e diferenciação de classes sociais. Mas fica por explicar o tipo de vestuário que essas diferentes sociedades em diferentes épocas usavam para reivindicar essa diferenciação.

Com um posicionamento parcialmente similar ao de Quintela, Braga (2007) afirma que os antigos caçadores usavam dentes e peles de suas caçadas para mostrar que eram capazes de enfrentar grandes feras em prol da alimentação do grupo (Braga, 2007). O estudo de Braga permite-nos compreender que o vestuário, para além de expressar estética também podai distinguir os indivíduos corajosos dos não corajosos, contudo fica por compreender o contexto no qual esses caçadores usavam os referidos artigos.

Ainda no contexto da primeira perspectiva encontramos Wilson (1985) que explica que o homem desde a antiguidade mais remota considerou seu vestuário como um dos mais importantes

elementos da própria condição social. As roupas, desde então, serviam para esclarecer a posição social de seu interlocutor (*Idem*). Mesmo com as transformações da moda, por vezes motivadas pelo bem-estar, pelos períodos políticos enfrentados, ou mesmo pelos actuais interesses variados, o vestuário sempre esteve presente como recurso de expressão do homem (Wilson, 1985).

Para este autor “em todas as sociedades, o corpo é vestido, e em todo lado as roupas e os adornos têm um papel simbólico de expressão e um papel estético (Wilson, 1985:14). Este autor permite compreender que para além de expressar estética e posição social, o vestuário também serve como linguagem. Contudo, fica por compreender o contexto no qual esse papel simbólico de expressão do vestuário ocorre.

Com uma posição parcialmente similar Rodrigues (2009) explica que as mulheres africanas residentes no Brasil no final século XVIII e início do século XIX utilizavam os vestuários para expressarem-se e reivindicarem um espaço num contexto de repressão escravagista. Este autor explica que as roupas e jóias usadas por mulheres libertadas dos seus senhores possibilitava compreender o modo pelo qual o vestuário gerou novas formas de organização social (*idem*).

Por exemplo, as jóias e as roupas não representaram para as mulheres africanas daquele contexto sinais evidentes de fortuna, mas constituíram-se em pequenos símbolos da afirmação de suas conquistas e, principalmente, em objectos de distinção pessoal que as libertas faziam questão de possuir e exteriorizar (Rodrigues, 2009). Para este autor, o uso dos corais entre as mulheres negras desse contexto sugere uma reorganização dos valores africanos no espaço colonial e a criação de uma cultura.

A capacidade de diferenciar quem os possuía interessava a um número crescente de africanos, o que tornou a posse de roupas de estilo europeu um símbolo de *status* (Rodrigues 2009). Para este autor, neste contexto, a mulher negra também exibiu, no colorido dos seus trajes e na diversidade do vestuário, confeccionados com tecidos nobres, o desejo de distinção (*idem*). O estudo de Rodrigues permite compreender que, para além de simbolizar estética, o vestuário é símbolo de afirmação de liberdade que distingue um negro escravo do não escravo.

Apesar de o estudo de Rodrigues permitir esses contornos do vestuário, ficam por compreender práticas e narrativas sobre vestuário que explicam o processo de vestir no quotidiano das pessoas. Neste contexto, Zumba (2019), defende que o vestuário é utilizado como um meio de fiscalização de regras e padrões de um ideal de vestir.

Em um estudo realizado na cidade de Maputo Zumba constatou que, no quotidiano, as pessoas vestem e fiscalizam constantemente uns aos outros sobre a observância de regras que regulam o vestir, portanto o processo de vestir é orientado por uma regra que preconiza vestir de acordo com o contexto, e que mesmo que as pessoas alarguem seus horizontes sobre as possibilidades de vestir, continuam a respeitar essa regra (Zumba, 2019).

A perspectiva que considera o vestuário como símbolo de estética e também de distinção social permite compreender contextos nos quais o vestuário é usado para manifestar beleza e nos contextos em que o vestuário é usado para reivindicar a condição social. Adicionalmente, permite compreender contextos nos quais o vestuário é uma expressão de linguagem, de coragem e valentia, bem como uma forma de afirmação de liberdade. Mas ao considerar o vestuário como elemento de expressão de estética e de distinção social fica por compreender outros contornos nos quais o vestuário expressa a reivindicação de poder e outras formas de expressão.

Na segunda perspectiva encontramos Alves (2014) que entende que o que se veste indica o poder, contudo não é a roupa em si que demonstra o poder, mas o contexto do seu uso, e isso acontece, por exemplo, com o véu muçulmano. Segundo explica o próprio Alves, o antropólogo Ernest Gellner notou que o uso do véu pelas mulheres muçulmanas é resultado da urbanização rompedora desde o século XIX nas regiões islâmicas e adoptado como senso de identidade pela minoria migrante nas cidades ocidentais.

Para o autor, se para o talibã ou para os *wahabbi* imporem o véu foi forma de exercer poder sobre a mulher em um mundo que se moderniza, o véu na França ou na secularizada Turquia é um grito de autonomia feminina (Alves, 2014). Dessa forma, o estudo de Alves permite

compreender o vestuário como um elemento de reivindicar o poder e de reivindicação de autonomia, mas fica por compreender situações em que o vestuário expressa identidade de acordo com a maneira com que é vestido.

Com uma percepção parcialmente similar a de Alves, o antropólogo Miller (2013), num estudo feito entre a população de Trinidad, compreendeu que os trinitários têm grande preocupação com suas roupas, não as repetem em ocasiões especiais e as desfilam orgulhosamente na rua.

Contudo, para esse contexto, o que importa não é que uma tendência seja seguida ou o que é vestido, mas como é vestido (Miller, 2013). O estudo de Miller permite compreender contextos nos quais o vestuário por si só não expressa identidade, mas sim a forma como é vestido. Mas ao proceder dessa maneira fica por explicar outros contornos da expressão identitária do vestuário.

Wittmann (2019), num estudo feito na cidade de Manaus, Brasil, entre um grupo de transexuais, procurou discutir, por meio de relatos que partem de experiência de transexuais, a forma como as roupas codificam significados, que passam pela própria expressão de feminilidades e masculinidades.

Os resultados do estudo permitiram à autora compreender que a roupa expressa identidade na medida em que a moda evidencia o sentido de pertença colectiva, especialmente no que diz respeito à conformidade ao que é entendido como feminino ou como masculino, adequando sujeitos a grupos divididos de acordo com a identidade de género (Wittmann, 2019).

O posicionamento de Wittmann encontra seu fundamento em Sahlins, que ao accionar o sistema do vestuário, vai afirmar e explicitar que a indumentária não reproduz apenas as distinções entre grupos etários e classes sociais, mas também a distinção entre feminilidade e masculinidade. Têm-se roupas para a noite e roupas para o dia, vestidinhos de fim de tarde, entre outros. Refere este autor que, cada uma referência a natureza das actividades determinadas por aqueles períodos de tempo, da mesma maneira que as roupas de domingo estão para as roupas de dia de semana como o sagrado está para o profano (Sahlins, 2003).

O estudo de Wittmann permite compreender contextos nos quais o vestuário expressa identidades de género, mas ao proceder desta maneira perde de vista contextos nos quais o vestuário demonstra uma vida social.

Um estudo feito por Karen Tranberg Hansen explica como o vestuário demonstra ter uma vida social, na medida em que ele e os estilos podem marcar épocas da vida de uma pessoa e continuarem mesmo depois de descartadas. Na Zâmbia, por exemplo, Hansen (s/d) estudou o mercado de roupas usadas e demonstrou como as mesmas, provenientes dos países desenvolvidos, ganham novas vidas e alterações locais em um mercado multimilionário na África (Hansen s/d). Este autor explica que, nesse contexto, as roupas não são vestidas para imitar a moda ocidental, mas cria-se com elas novas modas locais.

O estudo de Hansen (s/d) permite compreender que a identidade a partir do que se veste ganha lugar na medida em que certas roupas são recriadas para ganharem novas formas e modas locais, mas fica por compreender como o vestuário pode representar um instrumento de identificação de um grupo.

Com um argumento parcialmente similar ao de Hansen, De Campos (2012), fala do processo que contribuiu para a legitimação da Capulana, como instrumento de identidade e representação da população de Moçambique. Neste contexto, esta autora defende que a mulher exerceu um papel determinante na construção da Capulana como objecto de identidade de Moçambique. Além de usar significativamente a vestimenta em diferentes momentos, repassou pela oralidade a importância dela. Foi uma tradição construída no século XIX e que tornou-se central nas culturas moçambicanas nos dias de hoje (De Campos, 2012).

Para esta autora, a população de Moçambique, desta forma, inseriu um novo elemento em seus hábitos e costumes adaptando os panos de acordo com a sua necessidade e sua cultura. As representações foram construídas nesse contexto de tradução do produto de fora para torná-lo local (De Campos, 2012).

As explicações De Campos permitem compreender o vestuário como instrumento de identificação e representação de um grupo, contudo fica por compreender outras explicações em relação ao papel do vestuário, como por exemplo, a reivindicação de hierarquia dos indivíduos a partir do que vestem no seu quotidiano.

Nesse quesito Inguane (2019), em um estudo feito no mercado Xipamanine na Cidade de Maputo, constatou que os indivíduos, no seu quotidiano, usam o vestuário para de reivindicar superioridade em relação aos outros. Para esta autora, as pessoas tendem a usar o vestuário como ferramenta para, por lado, reforçar distanciamento com pessoas que consideram inferiores em relação a eles e por outro lado, criar um sentido de proximidade com dois tipos de pessoas.

Se para Inguane (2019) os indivíduos utilizam vestuário caro para reivindicar hierarquia, fica por compreender contextos nos quais as pessoas usam roupas idênticas, independentemente do seu preço, para manifestar coesão e reivindicar a diferença. A perspectiva que considera o vestuário como elemento de reivindicação de poder, hierarquia e de expressão de género permite compreender situações cuja roupa é usada para expressar complexos de superioridade e/ou inferioridade, para manifestar opressão, distinguir géneros ou expressar representações identitárias.

De um modo geral, a literatura permitiu compreender que, consciente ou inconscientemente, a partir das escolhas de vestuário as pessoas podem revelar aquilo que são ou pensam. Ainda de acordo com a revisão de literatura foi possível compreender que o vestuário, mais do que cobrir o corpo, pode ser um elemento da expressão da estética, da distinção social e da reivindicação de poder. Contudo, apesar de essas perspectivas nos permitirem compreender certos padrões configurados pelo vestuário desde as sociedades pré-industriais até as sociedades modernas, ficam por compreender outras dinâmicas associadas ao vestuário.

3. Enquadramento teórico e conceptual

3.1. Teoria construtivista

Na presente pesquisa adopto a teoria construtivista. Segundo Ferreira (1998) a teoria construtivista surge como uma concepção epistemológica que assume o conhecimento como uma construção do sujeito e busca compreender a complexidade do fenómeno humano. Para este autor, a teoria construtivista surge como uma nova visão do mundo que procura contrapor-se as visões objectivas regidas por leis, e explicadas por uma única visão, a essencialista.

Ainda de acordo com Ferreira a teoria construtivista defende que “o homem organiza várias experiências da sua vida através de um conjunto de significados que lhe permitem localizar-se no mundo e realizar seus projectos” (Ferreira, 1998: 12).

Os construtivistas como Feld (1994, 1995), Foerster (1994), Mahoney (1991, 1998), Niemeyer (1993, 1997) e Brumer (1986, 1995) dentre outros ressaltam que o indivíduo constrói o conhecimento através de suas crenças com os alicerces da sua construção do mundo (*Idem*).

Defende, ainda, (Ferreira 1998), que no estudo sobre os fenómenos sociais, esta teoria privilegia o estudo das lógicas particulares de funcionamento dos indivíduos e relacionando-os à sua cultura, ao seu grupo social e ao contexto no qual se inserem.

Deste modo, faço o uso desta teoria, pois parece-me apropriada para explicar como os alguns indivíduos constroem a identidade a partir das crenças de que um determinado tipo de vestuário tem significado para cada momento ou evento no qual o grupo participa. Para o grupo estudado, as vestes fazem parte do seu imaginário colectivo e de construção do seu mundo. Neste contexto, a realidade deve ser vista como uma construção social desenvolvida através de práticas sociais específicas de cada contexto (Ferreira 1998).

3.2. Conceptualização

3.2.1. Identidade

De acordo com Hall (2003), a identidade é algo construída num processo contínuo, ou seja, ao longo do tempo através de processos inconscientes, não sendo algo inato. Para este autor, a identidade é formada na interacção entre sujeito e sociedade, porque o núcleo e a essência do indivíduo vão se formando e modificando através de um diálogo contínuo com o mundo cultural e com outras influências. O sujeito projecta-se nessas identidades culturais e internaliza seus significados e valores, tornando-se parte deles.

Por outro lado, Velho (1988) argumenta que existem identidades que são socialmente dadas e outras que são socialmente construídas com o tempo, podendo ser de geração para geração, ou pelas convivências sociais nas comunidades.

Por seu turno, Cabral (2003) defende que identidade social é o facto de os indivíduos reconhecerem-se ou reconhecerem ao outro, pessoal ou colectivamente, como existindo. Neste caso, a identidade social caracteriza um grupo social.

Efectivamente, Woodward (2000) citado por Lima (2012) refere que as identidades se constroem pela diferença, envolvendo reivindicações sobre quem pertence e quem não pertence a um determinado grupo identitário. Para aquela autora, o primeiro aspecto que se deve ter em conta é o de que a identidade é relacional. Isso significa que para existir, a identidade depende de algo fora dela, de uma identidade que ela não é mas que, no entanto, fornece condições para que ela exista. Assim, a identidade é marcada pela diferença, que é sustentada pela exclusão: se o indivíduo é uma coisa, não pode ser outra.

Ao afirmar que a identidade é relacional e sua diferença é estabelecida por uma marcação simbólica em relação a outras identidades, a autora permite compreender que a identidade é um meio de afirmação. A marcação simbólica é o meio pelo qual se atribui sentido as práticas e

relações sociais definindo quem é excluído ou incluído. É por meio da diferença social que essas classificações da diferença são vividas nas relações sociais (Woodward, 2000).

Portanto, neste trabalho uso a definição de Woodward sobre identidade para designar um grupo específico com características peculiares que os diferencia de outros grupos sociais. Para efeitos deste trabalho, identidade é o ponto de identificação, pontos instáveis de identificação de um grupo social. Pode-se considerar ainda a identidade como um posicionamento de um agrupamento social que se diferencia do posicionamento de outros agrupamentos sociais.

3.2.2. Identidade de grupos

De acordo com Dos Santos (2011), no processo de construção de identidades nota-se que existe um sentimento de pertença a um grupo ou a uma cultura, ou ainda uma outra forma de identidade. Para este autor, a identificação de um certo grupo passa pela diferenciação deste com um outro e deste modo vão se formando fronteiras das identidades, e isso faz do indivíduo um portador de múltiplas identidades.

Dos Santos (2011) afirma, ainda, que a construção das identidades sociais seria resultado de uma relação de força entre representações impostas por aqueles que tem poder de classificar e de nomear definição, submetida ou resistente, que cada grupo produz de si mesmo. Neste contexto, os grupos dominados, como elementos passivos, também tentam construir representações para deslegitimar não só as representações mas também as práticas dominantes (Dos Santos, 2011).

Para Giddens (2000), os contextos culturais onde as pessoas nascem e crescem influenciam o seu comportamento, mas isso não significa, necessariamente, que seja negada a individualidade, ou a livre escolha de identidade aos seres humanos. Mas para Viegas e Gomes (2007), no contexto de grupos, as identidades são vistas como sendo a forma pela qual os indivíduos se vêem através dos outros e como imaginam ser por eles vistos, numa espécie de jogos de espelhos.

Para este trabalho a identidade de um grupo é uma estratégia de inclusão e um mecanismo de exclusão: ela situa o indivíduo em um grupo social (no qual o sujeito se assemelha e/ou se

identifica) e o distingue dos demais grupos (no qual o sujeito é diferente ou não possui determinada característica).

Nesta pesquisa utilizo o conceito de identidade de grupos conforme concebido por Dos Santos e Viegas e Martins, para explicar, por um lado a forma como o estilo de vestir de um indivíduo pode influenciar todo um grupo a se submeter nesse estilo e, por outro lado, a forma como um grupo usa determinado vestuário para se identificar como equipa e se diferenciar dos demais indivíduos ou grupos.

3.2.3. Vestuário

O vestir pode ser entendido como meios de falar de si (a seu modo autobiográfico), mas também de agenciar ou inventar outros “si”, desconhecidos em nós. Os actos que envolvem o vestir compõem, nesta perspectiva, essa dimensão subjectiva onde convivem dilemas contemporâneos, como aqueles vividos pelos corpos em suas múltiplas possibilidades de reconfiguração (Portela; Brandão, 2008).

O vestuário é um conjunto formado pelas peças que compõem o traje e por acessórios que servem para fixá-lo ou complementá-lo. Num sentido amplo do termo, o vestuário é um facto antropológico quase universal, uma vez que na maior parte das sociedades humanas antigas e contemporâneas são usadas peças de vestuário e acessórios que ornamentam o corpo humano (Nacif, 1993).

De acordo com Gomes (2010) o vestuário, isolado da moda, apenas representa a satisfação de uma das necessidades fisiológicas do Homem, a de proteger o seu corpo de agressões externas, mas quando agregado ao conceito de moda adquire, para além da função de defesa do corpo, outras utilidades como por exemplo a de satisfazer as necessidades sociais do ser humano. A teoria de motivação de Gomes (2010) ajuda a ilustrar tais funções adquiridas pelo vestuário quando este se encontra associado à moda.

De acordo com Gomes (2010), o vestuário constitui as necessidades básicas de sobrevivência do indivíduo e a preservação da espécie. No caso, o vestuário é uma necessidade social que

inclui a necessidade de associação, de participação, de aceitação por parte dos companheiros, de troca de amizade, de afecto e amor.

Por outro lado, segundo o autor, o vestuário constitui uma necessidade de auto-estima e envolve a auto apreciação, a autoconfiança, a necessidade de aprovação social e de respeito, de *status*, prestígio e consideração, além de desejo de força e de adequação, de confiança perante o mundo, independência e autonomia (Gomes, 2010).

Portanto, para efeitos desta pesquisa vestuário é o conjunto de peças têxteis que as pessoas usam para se protegerem do clima, para se vestirem e por pudor. Neste sentido, o vestuário de cada cultura é um reflexo dos valores de cada sociedade em sua época. Por funcionalidade, ostentação ou pura questão estética, o vestuário sempre serviu para comunicar o que, para a autora, é o verdadeiro significado da moda: a manifestação da personalidade de cada indivíduo.

4. Metodologia

Neste capítulo apresento o procedimento metodológico que foi utilizado para a materialização deste trabalho. No decorrer deste capítulo irei apresentar o método e técnicas de pesquisas adoptadas, bem como o universo de pesquisa e o procedimento da sistematização e análise dos dados.

4.1. Método

Com base nos objectivos definidos analiso a problemática à luz da pesquisa qualitativa que segundo Minayo (1987), aprofunda o mundo dos significados das acções e relações humanas, um lado não perceptível e em equações, médias e estatísticas.

Por outro lado, Minayo e Sanches (1993) defendem que o uso da abordagem qualitativa permite ao investigador explorar a subjectividade do objecto, o mundo dos significados, das acções e relações humanas e os aspectos que escapam através da revisão da literatura.

Esta pesquisa é também de carácter exploratório na qual utilizei o método etnográfico. A utilização do método etnográfico é explicada pelo facto de este método permitir-me estar em contacto directo com os factos pesquisados, possibilitando o processo de observação, entrevistas ou conversas informais. Aliás, Leach (1982) defende que, as acções podem ser melhor compreendidas quando observadas dentro do seu contexto, com intuito de captar como, quando e onde as relações sociais existem.

Portanto, o uso do método etnográfico revela-se importante porque este permitiu-me observar na íntegra os vestuários usados pelos participantes no quotidiano, sobretudo quando os mesmos iam participar em determinados eventos. Foi também graças ao trabalho etnográfico que consegui recolher as opiniões dos participantes em relação ao significado que os mesmos têm no uso de determinado tipo de vestuário.

4.2. Técnicas de recolha de dados

Fiz a recolha de informação desta pesquisa com base em três técnicas, nomeadamente a observação, as entrevistas semi-estruturadas e as conversas informais, uma vez que estas técnicas complementam-se. Aliás, Malinowski (1984); Oliveira (2006) e Leach (1982) defendem que a observação e as conversas informais complementam-se, e cabe ao antropólogo obter informações a partir do uso de olhos e ouvidos de modo a descobrir como os indivíduos constroem o seu mundo.

Observei para compreender processos de interacção entre os participantes do estudo. Para o efeito observei práticas e narrativas em relação ao uso do vestuário. As observações decorriam nas festas de aniversário, nos finais de semana e nas celebrações dos feriados nacionais. Em todos esses contextos as observações decorriam entre 17 horas e uma hora de madrugada ou antes.

Apliquei a técnica de conversas informais para complementar os dados recolhidos a partir da observação, concretamente a preferência de um determinado vestuário em detrimento de um

outro. Por seu turno, as entrevistas semi-estruturadas permitiram-me colocar questões que possibilitaram-me esclarecer aspectos que se tornaram pouco claros ao longo da observação.

A complementaridade dessas técnicas de recolha de informação permitiu-me recolher e captar os significados que os indivíduos atribuem ao uso de um determinado tipo de vestuário. Foi ainda com base nesta complementaridade que estabeleci algumas categorias de análise sobre o processo de construção de identidade a partir do vestuário.

4.3. Etapas da realização da pesquisa

A realização desta pesquisa compreendeu três fases nomeadamente, a revisão da literatura, o trabalho etnográfico e a sistematização e análise de dados. A revisão da literatura, que constituiu a primeira fase, permitiu-me identificar as principais perspectivas que discutem a questão da construção de identidades a partir do vestuário bem como compreender os diferentes processos que caracterizam essa prática. Durante essa fase foi possível identificar, igualmente, obras que apresentam metodologias de investigação em ciências sociais e que abordam os significados do vestuário ao longo do tempo e em diferentes contextos.

Nesta fase identifiquei a teoria que permite analisar os dados recolhidos no campo e os principais conceitos que orientam esta pesquisa. Este exercício de pesquisa bibliográfica foi possível graças ao uso das bibliotecas virtuais e físicas (Biblioteca Central de Brazão Mazula e do Departamento de Arqueologia e Antropologia), estas últimas situadas no Campus da Universidade Eduardo Mondlane.

Na segunda fase fiz um trabalho etnográfico o qual decorreu em restaurantes, bar *lounges* e residências que acolhiam eventos festivos, principalmente nos finais de semana, no período que vai de Agosto de 2018 a Março de 2019. De referir que esta fase sempre decorreu em complementaridade com a primeira e terceira fases, nomeadamente a revisão da literatura e a sistematização e análise dos dados.

Durante o trabalho etnográfico observei as roupas que os indivíduos usavam nos locais e eventos em que participavam. Nesse contexto, era possível ver um grupo de indivíduos que em cada evento usava roupas idênticas ou com estilo característico e comum e que era diferente dos vestuários dos demais indivíduos.

Na sequência do trabalho etnográfico utilizei também as entrevistas semi-estruturadas para poder ouvir dos participantes a opinião deles ao estilo característico das suas roupas em cada evento no qual se apresentavam ou participavam. As conversas também foram cruciais para os indivíduos manifestarem as suas opiniões sobre o seu vestuário e o que o mesmo significava em cada evento.

Estes elementos permitiram compreender como o vestuário constrói a identidade de um determinado grupo e como pode ser utilizado como forma de diferenciação de pessoas em um mesmo contexto. As danças, os gestos, as falas e as bebidas que os indivíduos estudados consumiam, tudo era sempre associado ao vestuário que eles usavam. Para eles, *swagg* (o vestuário) era a coisa mais importante e destacada em todos os eventos nos quais participavam.

Na terceira fase fiz a sistematização e análise dos dados à luz da teoria construtivista. Nesta fase apresentei os dados sistematizados e analisei-os de forma a construir a hipótese, que constitui o argumento da pesquisa.

4.4. Procedimentos de elaboração da pesquisa

Durante a pesquisa gravei inúmeras conversas e entrevistas com o consentimento dos participantes da pesquisa, sendo que anotei outras conversas em um caderno concebido para albergar a informação recolhida. Para além das gravações (áudios e vídeos) e anotações, também recorri à captação de imagens em algumas situações em que tornava-se necessário.

Feito isso, passei toda a informação recolhida a limpo em um outro caderno. Foi a partir dessa informação, passada a limpo, que procurei recortar aquilo que os participantes diziam e

percebiam em relação à construção de identidades num contexto de vestimentas. Este processo permitiu-me compreender o papel das vestes na construção de identidade de um grupo de pessoas.

O processo de recorte de informação permitiu-me sistematizar a análise dos dados em dois momentos. Num primeiro momento fiz a selecção, categorização e interpretação dos dados retirados das conversas e entrevistas que se referem ao *status* que, cada estilo de roupa, carrega consigo. Num segundo momento fiz a selecção, categorização e interpretação dos dados retirados das observações e conversas, sobretudo o tipo de indumentária e o significado da mesma em cada festa ou evento em que o grupo participava.

De um modo geral, foi a partir desses processos que elaborei os tópicos e descrições que constituem objecto de análise nas secções que compõem a parte da apresentação e discussão dos resultados.

Durante a elaboração do trabalho deparei-me com duas dificuldades. A primeira foi a dificuldade de identificar os locais nos quais os grupos participariam nos eventos, visto que eu não fazia parte do grupo. Para ultrapassar esse constrangimento, conversei com o grupo e pedi para participar nos seus eventos festivos e, na sequência, expliquei as minhas pretensões, visto que era uma estranha. O grupo aceitou e partilhei o contacto com três dos elementos do grupo para que passassem a me actualizar sobre o local, hora e requisitos de participação em cada evento.

A segunda dificuldade teve a ver com o processo de observação dos grupos durante os eventos nos quais participavam. Uma vez que, grande parte das festas ocorria a partir das 22 horas em diante, alongando-se até madrugada em lugares relativamente distantes da minha residência, tornava-se difícil fazer esse acompanhamento nocturno para poder observar os grupos e as vestes que usavam. Houve necessidade de me submeter a este constrangimento, uma vez que era a única alternativa de obter informação relevante. Para tal, o meu esposo levava-me aos locais e esperava até que eu terminasse. Neste contexto, tornei-me um dentre os participantes do estudo durante os seus eventos.

5. Análise e discussão de resultados da pesquisa

Nesta secção do trabalho faz-se análise e discussão de resultados da pesquisa realizada no campo. Procura-se responder os objectivos do estudo, conforme se segue.

5.1. Vestuário como expressão identitária de um grupo social

Nesta parte do trabalho discuto os resultados da pesquisa a partir da apresentação de tópicos que permitiram-me elaborar o argumento desta pesquisa. Se retomarmos a discussão da literatura juntamente com os resultados adquiridos, percebemos o carácter dinâmico e plural da identidade. A esse propósito, Quintela (2011) defende que a roupa é componente das identidades que construímos para buscar estar mais próximo do que queremos ser ou que queremos parecer. Para este autor, a antropologia explica que, conhecer os costumes e vestuário de uma cultura explica muito sobre ela.

Antes de avançar com a discussão do tema do estudo é importante descrever a composição dos indivíduos estudados. De acordo com os seus relatos foi possível compreender que o grupo surge nos finais de 2017, entre Outubro e Dezembro. No início o grupo era composto por apenas três amigos que habitualmente participava em eventos festivos e de diversão, com o vestuário idêntico. O vestuário consistia em, os três amigos usarem calças, camisetas e calçados de cores similares uns dos outros.

Com o decorrer do tempo, em 2018 integraram-se no grupo outros membros que partilhavam uma visão e valores comuns em relação a forma de ser e estar dos três amigos. Durante o processo da recolha de dados, o grupo já era composta por onze membros dos quais cinco (5) homens e seis (6) mulheres. Entretanto, era possível notar que em cada evento no qual participavam, mais indivíduos podiam aparecer e juntarem-se ao grupo mediante a partilha dos valores em relação ao vestuário.

5.1.1. O vestuário manifesta coesão entre amigos

No presente tópico discuto e mostro até que ponto o uso de determinados vestuários por um grupo de pessoas pode representar uma manifestação de coesão. Na interação que estabeleci com o grupo de indivíduos do contexto estudado percebi que, em cada festa que promove ou participa, o referido grupo estabelece um tipo específico de vestuário que identifica o mesmo. Esta especificidade que caracteriza-os em termos de vestuário revela uma forma de união do grupo nos eventos assim como fora deles.

Respondendo a questão colocada, Alfacinho argumentou da seguinte forma: *Parece fácil mas não é. Vestir assim, como nós vestimos não para qualquer um. Já desistiram muitos de fazer parte desta team. Mas todos nós que continuamos no grupo, como somos unidos, conseguimos sempre combinar e brilhar em todas as bangas* (Alfacinho, 31 anos de idade).

Com uma ideia similar outro participante contou o seguinte: *Só os fortes conseguem permanecer no Fofelas team¹. Mas para te dizer uma coisa, muitos pensam os outros não conseguem estar no nosso grupo por causa das roupas caras e iguais que a gente usa. Mas as nossas roupas não expulsam ninguém. As apenas mostram aqueles que são fieis ao grupo* (Sousa, 32 anos de idade).

A partir das explicações de Alfacinho e do Sousa, ao indicarem que vestem roupas iguais para mostrar que são unidos, compreendi que o vestuário, mais do que uma forma de expressar coesão e união entre os membros do grupo. Por isso, só se identificam com as vestes ostentadas pelo grupo aqueles que são unidos.

Para além de ter entrevistado alguns membros do grupo, observei essas tendências de padronização de vestuário em três eventos em que o grupo participou. Para cada evento, o grupo escolhia um padrão de vestuário que o identifica e o tornava diferente dos restantes participantes do evento.

¹ Nome pelo qual o grupo se auto-denomina.

Num primeiro dia, o vestuário era caracterizado por camisetas de cores diferentes, mas com estampagens iguais em todas elas. Num segundo dia, em uma festa de aniversário, o grupo se apresentou de um vestuário preto, onde todas as mulheres do grupo usaram camisas pretas, suspensórios e laços vermelhos idênticos. No terceiro dia de observação o grupo apresentou-se num evento de aniversário vestido de sapatos pretos, calças brancas e camisetas pretas com as seguintes estampagens: Amigos de Luxo *Forever*.

A propósito destas estampagens, uma das participantes e integrante do grupo referiu que: *Ser amigo de luxo é difícil acredita. Nunca foi fácil. Mas o que se quer mesmo é atitude, bom gosto e saber estar, não há magia. Basta ter essas características facilmente vais usar ao nosso estilo e se unir à malta* (Lindinha, 28 anos de idade).

Por seu turno, Alfacinho contou que: *Em todos os eventos que a malta participa, sempre aparece uma, duas ou três pessoas que manifestam vontade de se juntar a nós. Nós sabemos que eles querem se juntarem, não porque nós temos muito dinheiro ou boas bebidas do que eles, mas querem se juntar por causa da nossa maneira de vestir, que é diferente dos outros* (Alfacinho, 31 anos de idade).

Essas afirmações também permitem perceber que o vestuário que o grupo ostenta em diversos eventos carrega consigo um poder simbólico que atrai os demais indivíduos para se integrarem no grupo. No entanto, como esses vestuários manifestam união e coesão, cada indivíduo que queira integrar deve se identificar como tal como o grupo.

A subscrever este aspecto encontramos Pereira dos Santos (2003), que afirma que o vestuário é um importante meio de comunicação e uma ferramenta que transporta diferentes mensagens codificadas relativamente a acções culturais e formas de expressão de diferentes grupos.

As observações, conversas e entrevistas que estabeleci, permitiram perceber que existem regularidades no uso de um determinado vestuário, que passam pelo estabelecimento de uma

identidade de grupo que se distingue das demais pessoas que se encontram nos eventos, independentemente do estilo, valor ou marca de roupas que os outros trazem no corpo. O uso do mesmo tipo de roupa ou cor é uma forma de manifestar coesão do grupo a partir do vestuário. É um instrumento de valorização do grupo de poder mostrar uma originalidade e afirmar sua personalidade e sua identidade.

As peças de vestuário, quando se encontram usados por este grupo, podem facilitar as ligações entre esses indivíduos e facilitar a comunicação visual, pois esta proporciona um acesso mais rápido e seguro da manifestação da sua união.

Portanto, o vestuário representa a união de vários e determinantes factores de identificação cultural, ou até mesmo a coesão de muitos comportamentos existentes nos diferentes contextos em que o grupo vivencia. Este posicionamento pode ser reforçado por Elizabeth Wilson (1989) segundo a qual o vestuário reúne categorias espaciais fundamentais para a criação de uma estrutura credível de análise comportamental que mostra um pouco o papel do vestuário num determinado momento ou contexto.

5.1.2. Negociação do vestuário, negociação de uma aparência comum.

Neste tópico explico o processo de negociação utilizada para integração de novos membros, e as negociações que os membros do grupo utilizam para definir o tipo de vestuário a se usar em cada evento, de acordo com os critérios previamente acordados pelos mesmos. Nesse contexto, cada vestuário que identifica o grupo em um determinado evento é um processo negociado e a escolha de um determinado tipo de indumentária tem que ser aprovada por pelo menos cinco membros do grupo.

No que diz respeito a negociação para integração de novos membros foi possível perceber que esse processo obedece a certos requisitos que devem ser seguidos pelo candidato, nomeadamente mostrar ter capacidade de comprar o vestuário e pagar bebidas alcoólicas, não só para ele mesmo, mas também para outros integrantes do grupo.

A esse desígnio um membro do grupo disse: *Se queres fazer parte fofela's team, é só assistir a forma como ostentamos e ver se é capaz ou não. Tens que ter capacidade de entrar na adrenalina, seguir o nosso estilo e tentar estar sempre top. Não pode envergonhar a malta porque nós somos diferentes dos outros* (Alfacinho, 31 anos).

Por outro lado, um outro membro do grupo afirmou que: *Para mim não foi difícil entra no grupo. Eu sempre os via e gostava da maneira deles de estar, de curtir, de vestir. Todos sempre em sintonia. Eu sempre desses estilos de vida, mas nunca estive envolvido num grupo. Mas logo percebi que para estar com eles tem que ter sempre dinheiro, por causa da forma como eles usam e da facilidade com que trocam da roupa. E isso eu tenho, só queria pessoas com quem gastasse* (risos) (Romário, 25 anos).

Com estes depoimentos percebe-se que papel do vestuário reflecte-se na construção de uma identidade comum, através da negociação de subjectividades que vão se reflectir na forma de estar de todos membros que pertencem ao grupo.

Adicionalmente, percebe-se que o vestuário é uma ferramenta importante da criação de identidade por parte quem usa. As peças de roupas propiciam a caracterização dos indivíduos enquanto elementos inseridos num determinado grupo. Mas a inserção é um processo negociado, uma vez que é a negociação que facilita a integração de um novo membro no grupo. A relação entre o uso das roupas e a negociação de integração de um indivíduo no grupo reside no facto de o vestuário constituir uma oportunidade de fazer parte da *Fofelas's Team*².

A esse propósito um dos participantes referiu o seguinte: *Às vezes nem é preciso a pessoa dizer que quer ser Fofelas. Ser e estar já determina tudo. O estilo da pessoa, a forma de vestir e o tipo de roupa que veste já é suficiente para se decidir se pode ser nosso ou não. Se pode ser, numa sentada já está integrado no grupo* (Big, 32 anos de idade).

² Outro nome utilizado por um grupo mais restrito dentro dos Amigos de Luxo.

Com base nas afirmações acima pode se compreender que o vestuário em si constitui uma negociação na medida em que os indivíduos podem comunicar através das roupas. Utilizam as roupas para se expressar, pois estas roupas, ao fazer parte da sua identidade, nada mais natural seria que ao vestuário fosse inculcida o poder de dialogar visualmente com os seus observadores.

Por outro lado, como a roupa comercializada em Maputo varia de acordo com a qualidade e preços e, igualmente, de acordo com os bairros e zonas, tal como defende (Nhaumé 2004), o grupo identifica lojas específicas ou alfaiates nos quais negociam também os preços. É uma das estratégias também utilizada pelo grupo na aquisição do vestuário.

A esse propósito, um dos membros afirmou o seguinte: *Às vezes, quando queremos marcar uma grande diferença, não compramos roupas na loja. Mandamos fazer nossas roupas com o cota Fábio (alfaiate). Assim, evitamos situações constrangedoras de nos deparar com pessoas que ostentam as mesmas roupas que as nossas nas festas, e depois pensar-se que faz parte da team, enquanto não* (Soto, 31 anos de idade).

Numa outra reacção, Soto afirmou que: *Não é que a malta não curta a roupa da loja. A malta curte, principalmente quando já não há time para mandar fazer. Mas por causa dos riscos de encontrar alguém com roupa igual, preferimos mandar fazer. Mas são várias as vezes que compramos na baixa e Alto-Maé* (Soto, 31 anos de idade).

As palavras acima expostas permitem compreender a maneira como é feito o jogo de tentativa de diferenciação com os demais indivíduos que possam, eventualmente, ostentar de um mesmo tipo de vestuário em um determinado evento. Ou seja, para além de construir identidade, o vestuário também pode ser utilizado como um meio de reivindicação da diferenciação.

Nestes termos, a identidade a partir do vestuário é construído em função das dicas e escolhas que os referidos indivíduos fazem, o que deixa transparecer que a negociação feita é uma formalidade que não tem muito peso na decisão do que se escolhe para se usar em um determinado evento. Contudo, o vestuário, para além de ser uma ferramenta de distinção, como

um diferenciador social, pode também servir de um retrato do grupo ou de uma classe social, como a seguir veremos.

5.1.3. Reivindicar o prestígio através do vestuário

Neste tópico apresento e discuto a forma através da qual o vestuário pode contribuir para aproximar ou distanciar as pessoas umas das outras num contexto de reivindicação de um determinado *status* ou classe social. A repulsão ou atracção é baseada e definida por critérios estabelecidos por indivíduos tidos como referências dentro do grupo, pela maneira como os referidos indivíduos se apresentam e vestem no seu quotidiano.

Ao analisar as roupas usadas pelos homens do grupo estudado podemos compreender que, na sua grande maioria, assumem o propósito de apresentar o *status* social ou prestígio em relação às outras pessoas, ou do seu estilo diferente.

Por outro lado, em algumas festas em que o grupo participou, para além de se identificar pelo seu vestuário, o grupo também se identificava pelas bebidas que consumia. Nesse contexto, todos os membros do grupo tinham que consumir cervejas nos recipientes pequenos, vulgos cervejas pequenas, independentemente da marca.

Contudo, a preferência do consumo estava nas cervejas de marca *Castle Lite*, Heineken, *Hunter's Gold* e *Breezer*. Contudo, é importante referir que as bebidas constituíam apenas um mero detalhe, pois o fundamental era o vestuário.

A esse respeito, uma das participantes do grupo afirmou o seguinte: *Nesses ambientes é sempre não se vulgarizar em beber qualquer tipo de bebidas tipo bazukas³, para não ser desvalorizado. Tem que beber coisas finas e leves tipo Lite, Gold, Heineken, para não seres confundido como um qualquer. Se bebes bazuka, por mais que uses as roupas de marca, não vais ser valorizado. Vão-te confundir com um mafioso e colocarem em causa o teu estilo* (Adita, 35 anos de idade).

³ Termo utilizado para designar uma garrafa média de cerveja

Na mesma vertente um outro participante pronunciou-se nos seguintes termos: *O que você bebe num lugar cheio de pessoas desconhecidas pode definir o tipo de pessoa que você é. E nós, como somos Fofelas, bebemos aquilo que rima com o nosso estilo e a maneira de ser. Da maneira que estou vestido, não faz sentido beber uma coisa vulgar como uma bazuka. É para ser aproximados por bêbedos* (risos) (Steven, 30 anos de idade).

Neste contexto, foi possível perceber que, os membros do grupo podiam atrair assim como repelir outras pessoas na festa, em função daquilo que vestiam e consumiam. Por exemplo, a um dado momento, dois indivíduos que se encontravam na mesma festa, decidiram sair de uma mesa em que uma parte do grupo (Fofelas) se encontrava por entender que este tinha atitudes de superioridade por causa da maneira de se comportar e pelas bebidas que consumiam.

Esse facto aconteceu quando um dos anfitriões da festa colocou na mesma mesa quatro 4 cervejas de marca 2M em garrafas médias de pouco mais de meio litro e, simplesmente, os membros *da Fofelas Team* recusaram-se a consumir alegando não ser cerveja do seu nível de ser e estar.

E na sequência, ao mesmo tempo que pediam a cerveja que, supostamente, era da sua classe chamaram atenção de outras pessoas que se encontravam no local que, posteriormente, foram se juntar a eles naquela mesa. Portanto, com esses dados é possível compreender que o vestuário e o tipo de bebidas consumidas tanto podem atrair assim como repelir as outras pessoas.

Um outro exemplo da repulsão ou atracção é o caso das pessoas que se vestem de certa forma para conseguirem um determinado acesso ao grupo (Fofelas) que se tem como referência do estilo e da moda nas festas. Neste contexto, compreende-se que a aparência, em termos de vestuário, das pessoas do grupo indica às demais pessoas formas de ser e estar que se projecta como identidade. É nesse contexto que a atitude também pode funcionar e mostrar algo que a pessoa não é, mas gostaria de se tornar para ser aceite no grupo de referência, que constitui o próprio processo identitário.

As atitudes e práticas do consumo dos indivíduos do grupo estudado, aliados ao vestuário que ostentam levam outros indivíduos a se identificarem ou não com o grupo, o que vai se reflectir na atracção ou repulsão. Garcia (2003) chama a esses processos de atitudes influenciados pelos significados que os indivíduos atribuem ao que o outro é. Desse modo, a roupa tanto pode compor a identidade de indivíduo assim como pode influenciar os outros a se juntar ou a se distanciar à identidade desse indivíduo. A esse propósito, defende Roland Barthes (2000) que ninguém se veste impunemente, pois o acto de vestir é cuidadosamente codificado.

Ao fazer a análise da descrição acima feita, dos diferentes momentos e diferentes vestuários que o grupo apresentou (e continua a apresentar) em cada evento pode se compreender o vestuário como uma ferramenta de criação de identidade por parte do referido grupo. Por exemplo, as peças de roupas idênticas, que o grupo veste quase que sempre em eventos onde participa, ajudam na caracterização do grupo enquanto elemento inserido num determinado contexto, e ao mesmo tempo diferencia-o entre os restantes grupos ou indivíduos.

De um modo geral, neste contexto, compreende-se que o vestuário é prioritariamente a ferramenta escolhida pelo grupo para melhor se definir e se afirmar no meio social que integra, apresentando-se como indivíduos independentes e influenciadores de escolha. Com base nos tipos de bebidas alcoólicas que consomem associados nos estilos de roupas que ostentam, esses indivíduos desenvolvem, de forma lógica e pensada, através do seu vestuário, o que quer que se saiba ou se assuma acerca da sua identidade.

6. Considerações finais

O presente trabalho analisou o vestuário como expressão identitária no quotidiano de um grupo de indivíduos na cidade de Maputo. Da literatura analisada sobre o assunto compreendi que existem duas perspectivas. A primeira perspectiva defende que o vestuário é um elemento de manifestação estética bem como uma forma de distinção social (Quintela 2011; Wilson 1985; Rodrigues 2009; Braga 2007; De Campos 2012). Por seu turno a segunda perspectiva explica que o vestuário é um elemento de reivindicação de poder e expressão de género (Alves 2014; Miller 2013; Wittmann 2019; Hansen s/d; De Campos 2012).

A revisão da literatura permitiu compreender que aquilo que o vestuário expressa pode variar de acordo com determinado contexto social, na medida em que consciente ou inconscientemente, a partir das escolhas do vestuário as pessoas podem revelar aquilo que são ou aquilo que pensam. Ainda de acordo com a revisão de literatura foi possível compreender que o vestuário, mais do que cobrir o corpo, pode ser um elemento da expressão da estética, da distinção social e da reivindicação de poder.

Contudo, apesar de a literatura explicar alguns contornos da expressão identitária do vestuário, fica por compreender contextos nos quais as pessoas se agrupam e se separam mediante escolhas individuais ou colectivos do vestuário, que vão para além da estética, da reivindicação do poder ou da classe social a que pertencem.

Dadas as limitações da literatura, e para compreender outros contornos do vestuário nesses contextos realizei um estudo etnográfico entre grupos de indivíduos em alguns eventos festivos e de diversão nos bairros da Cidade de Maputo.

No decorrer do estudo de campo fui captando regularidades, entre os quais, os participantes da pesquisa faziam questão de demonstrar e exhibir. Neste contexto, em cada evento festivo ou um social, como eles designavam, todos os membros do grupo apresentavam-se com roupas idênticas ou camisetas de diferentes cores mas estampadas com as mesmas palavras. Essas

características do vestuário que identificavam o grupo eram utilizadas como elementos de distinção ou proximidade entre as pessoas existentes num determinado evento.

Com o decorrer do tempo da pesquisa do campo e da análise fui percebendo que a tendência de o grupo de participantes utilizar vestuário com as mesmas características durante os seus convívios festivos ou sociais, era uma forma de mostrar coesão entre os membros. Adicionalmente percebi que o uso dessa roupa característica era feita de forma negociada com o objectivo de o grupo repelir, atrair pessoas ou reivindicar distinção através do vestuário.

O facto de os participantes utilizarem o vestuário para repelir ou atrair outras pessoas, ou até mesmo utilizar esse vestuário para reivindicar uma distinção entre as demais pessoas, individuais ou colectivas, levou-me a compreender que o vestuário é um meio de reivindicação de prestígio, sem que isso constitua reivindicação de poder ou, por outro lado, indicação de opressão como defendem Alves (2014) e Rodrigues (2009). Esse prestígio pode ser adquirido pelos indivíduos em cada meio social onde estão inseridos.

Os resultados permitiram compreender que no contexto estudado, o vestuário constitui um processo dinâmico de pertenças cujos traços particulares de suas formas de vestir, são negociados e partilhados pelos indivíduos desse grupo e que configuram seu espaço restrito de existência e de reprodução e expressão constante de identidade. Este projecto de pesquisa, por ser de carácter exploratório, as suas hipóteses estão abertas e, pode servir de ponto de partida para futuras pesquisas.

7. Referências

- Abramo, H. W. 1994. *Cenas Juvenis: Punks e Darks no Espetáculo Urbano*. São Paulo: Ed. Página Aberta.
- Alves, L. 2014. *A antropologia da moda: dimensões e abordagens*.
- Barthes, R. 1967. *Sistema da Moda*. Trad. Maria de Santa Cruz. São Paulo: Edições 70.
- Baudrillard, 1981. Jean. *A sociedade de consumo*. Trad. Artur Morão. São Paulo: Edições 70.
- Cabral, J. P. 2003. *Identidades Inseridas: Algumas Divagações Sobre Identidade, Emoção e Ética*.
- De Campos, C. 2012. *Capulana, representação e identidade da população de Moçambique*. Ulbra/RS.
- Dos Santos, L. 2011. *As identidades culturais: proposições conceituais e teóricas*. Rascunhos culturais-Revista da UFMS.
- Ferreira, R. 1998. *Construtivismo: Um momento de síntese ou uma nova tese?* Pp: 1-17.
- Giddens, A. 2000. *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gomes, N. P. 2010. O Marketing da Aparência: Comunicação e Imagem. *Artigo científico*, 99. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Inguane, P. 2019. *Distanciamento e proximidade a partir do vestuário: Uma análise sobre reivindicação de superioridade no quotidiano de um grupo de pessoas na cidade de Maputo*. Universidade Eduardo Mondlane. Maputo.
- Miller, D. 2013. *Trecos, troços e coisas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Kellner, D. 2001. *A Cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru, SP: EDUSC.
- Sahlins, M. 2003. *Cultura e Razão Prática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Edições.
- Quintela, H. F. 2011. *A Segunda Pele: A Linguagem das roupas, seus signos e a configuração da identidade social através do vestuário*. UFES.
- Rodrigues, V. 2009. *Identidade e Inserção Social na Linguagem Visual das Roupas e Acessórios*. UFRJ.
- Simmel, G. 1993, "Psicologia do coquetismo". In: *O espírito das roupas: A Moda no Século Dezanove*. São Paulo: Companhia das Letras.

- Viegas, S. e G. C. 2007. “A Identidade na Velhice”. In: *Análise Social*. vol. 10 (4):138.
- Vincent, F. 1996. *As espirais da moda*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Wittmann, I. 2019. A Roupas Expressa Identidade: Moda Enquanto Tecnologia de Género na Experiência Transgénero. in *Caderno de Arte e Antropologia*. Vol. 8, nº 1, São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Woodward, K. 2000. “Identidade e Diferença: Uma Introdução Teórica e Conceitual”. In: Silva, T. (org.). *Identidade e Diferença: A Perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes.
- Zumba, F. 2019. “*Vista o que quiser, mas respeite as regras*”: *Uma etnografia sobre práticas e narrativas sobre vestuário, na cidade Maputo*. Monografia apresentada no curso de licenciatura em Antropologia. UEM. Maputo.